



GÊNERO E LIVROS INFANTIS: UMA EXPERIÊNCIA COM A HISTÓRIA “MENINO BRINCA DE BONECA?”.

Tatiane Dantas Silva de Jesus
Universidade Estadual de Londrina

Cássia Cristina Furlan
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

A escola é um espaço marcado pelas relações de gênero. Filas, brincadeiras e tratamento diferenciado para meninas e meninos indica que a escola está permeada por relações desiguais. Nesse sentido, é fundamental pensar estratégias pedagógicas que visem problematizar essas questões, de modo a criar um espaço igualitário para que a criança possa vivenciar suas experiências sem medo e/ou constrangimentos de qualquer natureza. Portanto, esta pesquisa objetivou problematizar, a partir da história “Menino brinca de boneca?” – experiência vivenciada na Hora do Conto com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental do município de Londrina – como as crianças percebem as diferenças na educação, em comportamentos e brincadeiras de meninos e meninas, propondo discussões que valorizem a importância de uma educação igualitária. A impressão registrada a partir das falas das crianças foi a de que antes da história elas tinham uma ideia sobre as possibilidades de brincadeiras para meninos e meninas. Após as discussões entre os pares os pensamentos foram se modificando e começaram a repensar suas atitudes. Essas interpretações demonstram a necessidade do trabalho contínuo no contexto escolar para que as crianças superem a educação sexista e generificada e possam viver com autonomia e liberdade.

Palavras-chave: Gênero; Educação; Brincadeiras.

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas na contemporaneidade afetam as formas de viver e construir identidades de gênero e sexuais. “Na verdade, tais transformações

Realização:



Apoio:



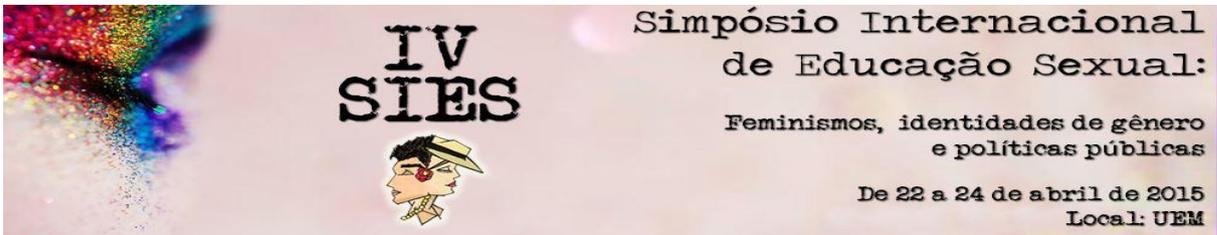
DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto” (LOURO, 2000, p.8).

É nesse sentido que, infelizmente, a escola continua sendo um espaço marcado pelas relações de gênero desiguais. Filas, brincadeiras e tratamento diferenciado para meninas e meninos, indicam que o espaço escolar está perpassado por relações ainda desiguais. Desse modo, é fundamental pensar estratégias pedagógicas que visem problematizar essas questões, de modo a criar um espaço acolhedor e igualitário, e que cada criança possa vivenciar suas experiências sem medo e/ou constrangimentos de qualquer natureza. Os trabalhos realizados na Hora do Conto¹ possibilitam a reflexão por meio da literatura de questões relacionadas a essa temática. Segundo Chaves (1963, p.21), a história é apreciada por todos, mas pouca gente conhece o valor real dela. A história é um elemento poderoso na formação do caráter daqueles que a ouvem, mesmo que muito ignorem este objetivo, tratando-a apenas com o fim de entreter, despertar a atenção ou descansar a mente. Nesse sentido, afirma que “[...] o valor real da história é ser instrumento educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades humanas em todos os seus aspectos”.

Quando propomos a participação das crianças na pesquisa, essa participação requer uma mudança de ênfase dos métodos e assuntos das pesquisas tradicionais. É preciso reconhecê-las como sujeitos em vez de objetos de pesquisa, o que nos possibilita “[...] aceitar que elas podem ‘falar’ em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas” (ALDERSON, 2005, p.423).

Diante do exposto, a experiência vivenciada na Hora do Conto teve como objetivo perceber as diferenças na educação e/ou no comportamento de meninos e meninas, principalmente no que se refere aos jogos, brinquedos e brincadeiras diferenciados por gênero, que meninos e meninas não brincam ou não jogam por preconceito ou discriminação e valorizar a importância de uma educação mais

¹ A Hora do Conto (projeto realizado na biblioteca das escolas municipais de Londrina) caracteriza-se como um momento em que a professora realiza junto às crianças atividades diversas, como leituras, problematizações de histórias, dramatizações, atividades de criação, empréstimos, etc.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



igualitária, sem vantagens e/ou privilégios para um e outro, em casa, na escola e na sociedade em geral.

Desse modo, o livro *Menino brinca de boneca?* (Figura 1) – de autoria de Marcos Ribeiro – permite abordar de maneira lúdica questões relacionadas à constituição das identidades de gênero junto às crianças, especialmente no que diz respeito às normatizações a respeito do papel que homens e mulheres/ meninos e meninas devem exercer na sociedade. Propõe uma discussão acerca dos preconceitos e estereótipos historicamente e socialmente construídos, que muitas vezes respaldam práticas de homens e mulheres, criando relações desiguais e sexistas em diversos campos, como o ambiente doméstico, das brincadeiras infantis, do trabalho, dentre outros.



Figura 1: Menino brinca de boneca?

Fonte: RIBEIRO, Marcos. Menino brinca de boneca? Rio de Janeiro: Salamandra, 2003.

EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A escola é um espaço extremamente marcado pelas relações de gênero. Para Foucault (1999), todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes em sua composição. Nesse sentido, podemos afirmar que a escola é um espaço de reprodução de discursos, muitas vezes, discursos estes que mantêm e legitimam as divisões binárias de gênero e as discriminações dos mais diversos tipos. O autor afirma que em toda a sociedade a produção do discurso é controlada por certo

Realização:



Apoio:



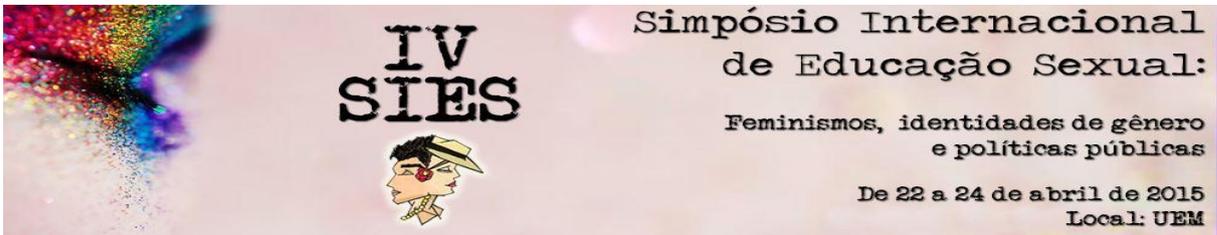
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



número de procedimentos para garantir, entre outras coisas, a reprodução dos discursos com status de verdade. Esta vontade de verdade apoia-se sobre um suporte institucional, “[...] é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia [...]” (FOUCAULT, 1999, p.17). As práticas escolares acabam por reforçar as verdades construídas em torno de discursos discriminatórios e homogeneizantes.

As noções a respeito dos gêneros são um exemplo dessa produção de verdades. A cultura produzida para a infância é altamente coerente com a tradição histórica de diferenciação entre os gêneros, veiculando discursos que podem produzir efeitos de verdade. Certas noções e construções padronizadas das identidades seguem marcas físicas – biológicas – que seriam culturalmente irrelevantes se não tivéssemos extraído uma série de supostas essências e verdades sobre as identidades sociais das pessoas e seus corpos sexuados. Assim, a diferenciação entre os gêneros pressupõe a definição do que são as características que formam a identidade do masculino e do feminino (TORRÃO FILHO, 2005; BARBOSA, 2007).

Isto posto, utilizamos um processo descrito por Derrida chamado desconstrução. Desconstruir é problematizar a construção permanente e polarizada da oposição binária, constituída por polos opostos, como branco/negro, natureza/cultura, masculino/feminino, etc. A desconstrução dos binarismos permite problematizar a construção de cada polo, “demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada polo não é único, mas plural, internamente fraturado e dividido” (LOURO, 2001, p.31). Para o autor a desconstrução dessas oposições binárias, trás conseqüências positivas quanto a compreensão e inclusão das diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. Permite-nos entender que essas construções não são rígidas, fixas e inalteráveis, mas hierarquizadas, construídas e históricas (WENETZ, 2005).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Para Finco (2003, p.99), “a desconstrução dos pólos masculino e feminino traz uma proposta de reflexão e nos aproxima das formas como as crianças se relacionam frente às diferenças de gênero na infância”.

Relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim estaremos dando a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude (FINCO, 2003, p.100).

Para propor modificações nessas produções discursivas a respeito das identidades sexuais e de gênero, Arguello (2008) ressalta a importância de educadoras/es terem condições teóricas para trabalhar questões de gênero que se apresentem na rotina das crianças e, ainda, a importância dos artefatos culturais, tais como livros, brinquedos, dentre outros, que têm influência no aprendizado e problematização das relações de gênero.

Parte significativa das pesquisas sobre infâncias limitam-se a escrever sobre elas numa visão adultocêntrica. O mundo adultocêntrico nos leva equivocadamente a pensar que a cultura é transmitida somente através dos/as adultos/as. A construção dessa cultura e de seus valores acaba por afirmar o destino das crianças como sendo traçado em função das expectativas dos/as adultos/as para elas, de acordo com as funções pré-estabelecidas socialmente (MÜLLER, 2007), incluindo também os aspectos referentes aos gêneros e sexualidades.

Dessa maneira, valores são inculcados, principalmente pelos adultos, na mente da criança tais como preconceitos nas relações, funções sociais impostas, atitudes próprias de um determinado sexo, aspectos estes que determinam a formação da criança para a vida adulta. E assim a criança desenvolve-se naturalizando a discriminação de gênero e sexualidade, com o menino se construindo como homem opressor e a menina como mulher subordinada (PEREIRA; MÜLLER, 2008, p.6).

Realização:



Apoio:

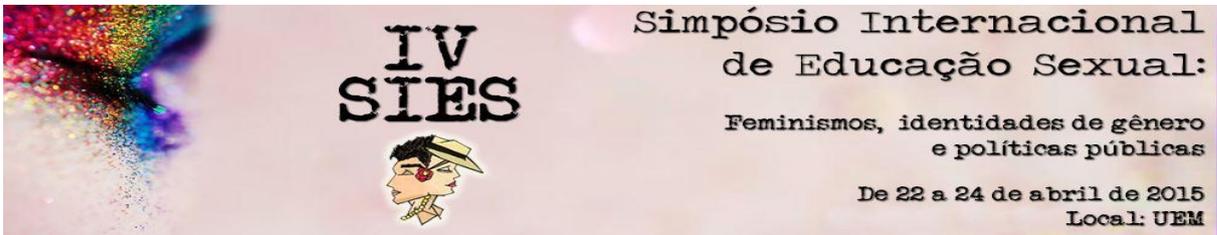


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





No entanto, durante o processo de socialização, as crianças não se limitam a interiorizar: elas participam, resistem, tentam contrariar a lógica de imobilização existente para a reinvenção e a reprodução (TOMÁS, 2011; CORSARO, 1997).

Por outro lado, a educação escolarizada, apesar de atender quase a totalidade das crianças, ainda não conseguiu oferecer a elas um espaço social onde adquiram conhecimentos culturais, artísticos, científicos, valores e habilidades necessários para viver de forma cidadã esse nosso século (BARBOSA, 2007).

Dessa forma, a escola, espaço de convivência das crianças, tem sido a instituição social central para veicular, de forma homogênea, a cultura considerada “legítima” e desconsiderar as culturas “não legítimas”, isto é, não-hegemônicas. Nesse sentido, a escola “mata” a imaginação infantil, mas também pode oferecer e promover condições para a construção de uma nova cidadania mais pluralista e crítica, “[...] diria mesmo que a escola terá que *educar para a desobediência crítica* [...]” (TOMÁS, 2011, p.16).

Acreditamos que o trabalho docente deve perpassar a crítica constante às imposições normativas, no sentido de trabalhar a consciência crítica das crianças, para que estas possam viver a construção de suas identidades com liberdade e possibilidades diversas de expressão.

As culturas infantis de hoje não são iguais as culturas infantis de ontem, pois se manifestam em outro tempo e espaço, com outro formato e conteúdo (BARBOSA, 2007). O brincar, além de fazer parte da cultura infantil, constitui-se em uma condição de aprendizagem e de sociabilidade. Nosso intuito é questionar essa divisão binária de expressões corporais, no sentido de permitir que todos e todas possam vivenciar manifestações lúdicas sem receios diversos.

GÊNERO E O BRINCAR INFANTIL

Para Barbosa (2007), o brincar serve para organizar e dar sentido à vida diária das crianças. Brincar não é um momento em que as crianças param de viver e sentir a sociedade e os seus constrangimentos, mas um momento de construção

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



dessas vidas sociais, com consequências que podem advir da intervenção dos adultos e da interação com outras crianças, construindo-se ordens sociais inclusivas e/ou exclusivas.

Nesse sentido, a experiência vivenciada pelas crianças da pesquisa foi realizada em duas aulas na Hora do Conto, sendo estas marcadas por três momentos específicos – conversa/discussão, contação da história e registro (desenho), relativos a essas manifestações lúdicas da infância. No primeiro momento foi proposto aos alunos uma conversa sobre suas brincadeiras preferidas. Houve muita empolgação nos relatos e foi possível perceber que todos concordavam com a maneira como as brincadeiras eram nomeadas. Para as meninas, as brincadeiras mais atrativas estão sempre relacionadas as músicas, boneca e faz de conta. Para os meninos, as brincadeiras mais atrativas são aquelas em que eles podem correr à vontade, se sujar, entre outras.

Essa preferência por brincadeiras pode suceder da normatização dos gêneros. Para Barbosa (2007), a competência dos homens e mulheres como seres *genderizados* é determinada de acordo com o quão bem eles representam as características definidoras de masculinidade e feminilidade, respectivamente, e, aqueles/as que não aceitam as fronteiras socialmente impostas, correm o risco da marginalização. Portanto, brincadeiras de boneca e faz de conta condizem com a competência esperada para feminilidade, compreendendo os cuidados com a casa e com o ambiente doméstico, a submissão. Já para os meninos, as brincadeiras refletem competências masculinas de liberdade, autonomia e exploração do mundo exterior.

No caso das crianças, essas fronteiras são permanentemente vigiadas e mantidas pelas famílias e também pelas próprias crianças, num processo que, podendo ser criativo, é simultaneamente reprodutivo (BARBOSA, 2007). Precocemente, na aprendizagem das crianças sobre os gêneros, já ocorre a demarcação daquele gênero com o qual elas devem se identificar, pois estão imersas em sistemas culturais que reproduzem dominações hegemônicas – valores,

Realização:



Apoio:



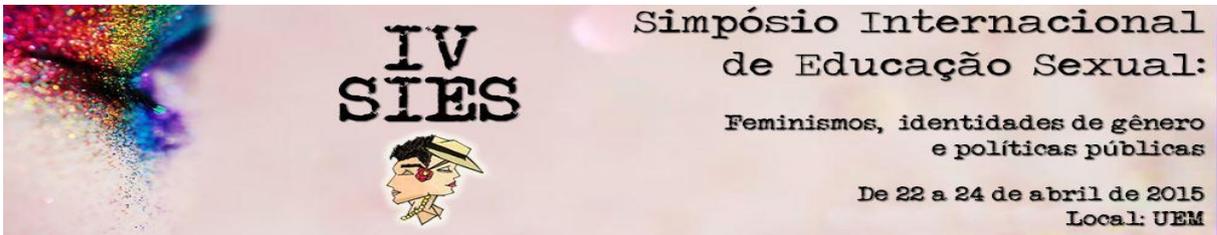
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



concepções e comportamentos –, direcionando suas ações e percepções para definir os modos de ser perante a sociedade.

Durante as falas foi possível perceber que apesar de serem crianças, muitos já apresentavam pensamentos consolidados, muitas vezes repassados e/ou ensinados pelos próprios pais sobre a questão das brincadeiras na escola, demarcando as fronteiras de gênero, muitas vezes intransponíveis por essas crianças, devido à educação normatizadora que recebem durante a infância.

É por este motivo que meninos e meninas incorporam muitos gestos, posturas, falas e disposições que se encaixam ao corpo que possuem, em consonância com aquilo que é socialmente entendido como naturalmente adequado, por exemplo, considerando-se no caso das meninas, o corpo circunscrito a espaços fechados e à reprodução da vida familiar e doméstica. Dessa forma, não apenas as mulheres vão aprendendo a serem submissas, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade.

Como afirma Barbosa (2007, p.11),

Essa aprendizagem é longa, inicia-se na família – as crianças são vestidas com cores diferentes, há evidências que referem que os adultos interpretem o comportamento dos bebês de acordo com estereótipos sexuais – e continua na relação com a sociedade mais vasta e com o grupo de pares, em particular. Aceita-se a posição que afirma que meninas e meninos sofrem uma socialização diferenciada por sexo, classe social ou etnia.

Acreditamos que as crianças tendem a reproduzir o mundo dos/as adultos/as, de acordo com o lugar que devem ocupar, mas sempre de maneira ativa na construção e manutenção das suas identidades de gênero, por vezes assumindo posturas de resistência, e em outros momentos divulgando de forma vigorosa os estereótipos, tanto nos seus limites, quanto nas suas possibilidades.

No decorrer da intervenção, foi apresentada a história que seria contada (*Menino brinca de boneca?*) e imediatamente foi possível perceber a expressão de surpresa das crianças. Quando questionados sobre o título do livro, as opiniões se dividiram, tanto para as meninas como para os meninos. Durante toda a leitura,

Realização:



Apoio:



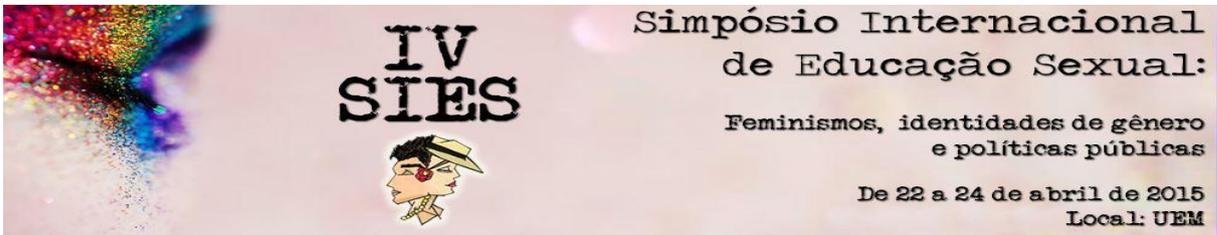
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



fizemos pausas para comentarmos as situações apresentadas. Foi possível perceber que as opiniões começaram a mudar quanto às brincadeiras de menino e meninas.

Durante as discussões, foram lançados os seguintes questionamentos ao grupo: Quem determina os tipos de brincadeiras para meninos e meninas? Já nascemos sabendo quem brinca de quê e com quê? Meninos e meninas podem compartilhar brinquedos e brincadeiras? Será que a separação das brincadeiras e/ou atividades infantis pode gerar preconceitos?

As respostas exprimem algumas concepções de meninos e meninas. Os meninos disseram: *“Ah, eu às vezes brinco de boneca, o que que tem?”*, *“Eu já brinquei de fazer comidinha na casinha da minha irmã...”*, *“Eu gosto de fazer de conta que sou o príncipe da história quando estou brincando ou assistindo filme...”* e *“Meu pai disse que menino não brinca de boneca!”*. Já as meninas afirmaram que: *“Às vezes eu brinco de futebol, mas os meninos não deixam a gente entrar no jogo!”*; *“Eu gosto do vídeo game do meu primo, meu pai não comprou um pra mim, daí quando eu vou lá na casa dele eu jogo”*. Essas falas demonstram a importância da problematização com as crianças, a respeito das diferenciações de gênero. A partir da problemática inserida percebemos que muitas crianças refletem sobre suas posturas, no sentido de compreender que as práticas lúdicas podem ser realizadas por ambos os gêneros. Entretanto, percebemos na fala das meninas como estas são discriminadas de algumas expressões lúdicas, mesmo tendo o interesse real na participação, advindas de uma cultura machista que ainda considera que determinadas práticas não devam fazer parte da cultura lúdica de meninas.

É oportuno refletir como são diversas as aprendizagens, de acordo com o espaço onde se pode brincar, pois esse expediente estabelece as condições para que algumas coisas sejam permitidas e outras não. Observar como as normas acontecem e como elas se encontram relacionadas à produção das diferenças e desigualdades de gênero e sexuais permite argumentar sobre como as crianças atribuem diferentes significados às brincadeiras de meninos e de meninas (WENETZ, 2005).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Nesse sentido, é extremamente importante pensar que quando as normas deixam de ser problematizadas, elas operam para produzir noções de masculinidade e feminilidade, portanto, precisamos constantemente problematizar noções dadas de gênero, para que as crianças exerçam consciente e criticamente suas escolhas. Desse modo existe a necessidade de reflexão sobre as convenções naturalizadas pela sociedade, e reproduzidas pela educação. Precisamos estimular atitudes de respeito mútuo no sentido de caminhar para a superação dos preconceitos baseados nas diferenças biológicas.

Durante a exposição das falas, observamos que as crianças demonstravam estar surpresas com o que ouviam. No entanto, a conversa caminhou no sentido da compreensão de que todos são livres para brincar daquilo que lhes agradam, sem se preocupar com o que os outros podem pensar. Sendo assim, a problematização do ato de brincar é fundamental para que as relações sociais infantis possam ser pensadas de modo a tornar-se igualitárias e refletidas em uma sociedade democrática e com real liberdade de expressão.

A impressão registrada a partir das falas das crianças foi a de que antes da história elas tinham uma ideia sobre as possibilidades de brincadeiras para meninos e meninas. Após a leitura e as discussões entre os pares os pensamentos foram se modificando na medida em que os próprios colegas foram complementando as falas uns dos outros e começaram a repensar o que havia sido dito.

No terceiro e último momento da intervenção com as crianças, estas foram convidadas a registrar por meio de desenhos as brincadeiras que gostariam de realizar ou que poderiam ser realizadas independentemente do gênero. Em todas as figuras podemos visualizar a representação de inúmeras brincadeiras vivenciadas por meninos e meninas. As meninas, em sua grande maioria, optaram por representar brincadeiras que poderiam ser vivenciadas por elas e do mesmo modo, os meninos, fizeram desenhos de brincadeiras das quais gostariam de participar. Esse modo de registro surgiu espontaneamente após a discussão em sala de aula. Após o registro, foi solicitado que comentassem sobre o desenho que fizeram.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



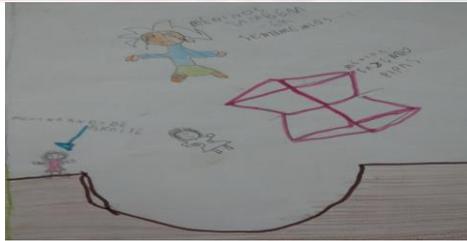
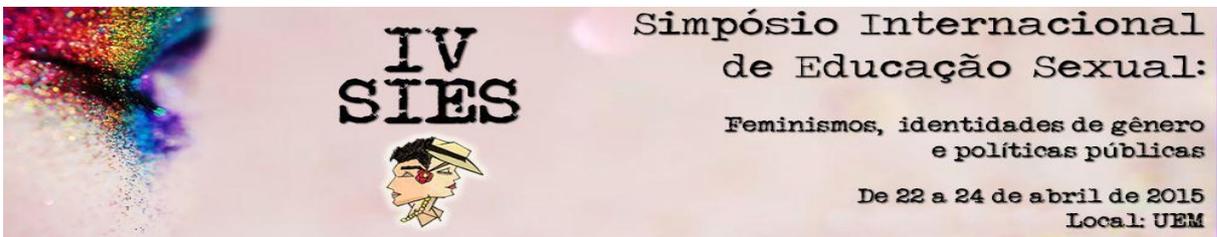


Figura 2- Menina (8 anos): Eu acho que as meninas podem brincar de skate e soltar pipas.
Fonte: Autorxs



Figura 3 – (menino 8 anos): Tem gente que fala que homem não chora, mas não é verdade.
Fonte: Autorxs



Figura 4 - Menino (8 anos): Ah, dá pra brincar junto, tipo os meninos e as meninas.
Fonte: Autorxs



Figura 5 - Menino (8 anos): Eu brinco do que eu quiser, se eu quiser eu brinco de boneca.
Fonte: Autorxs



Figura 6 – (Menino 8 anos): Na casinha o menino pode ser o papai e pegar o neném no colo.
Fonte: Autorxs

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



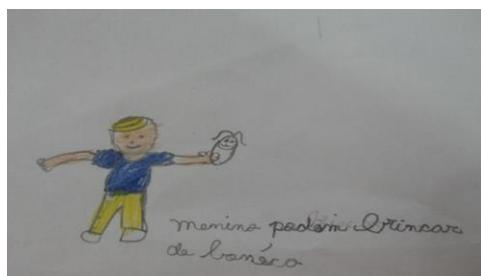


Figura 7 – (Menino 8 anos): Eu gostei dessa parte que os meninos podem brincar de boneca.
Fonte: Autorxs

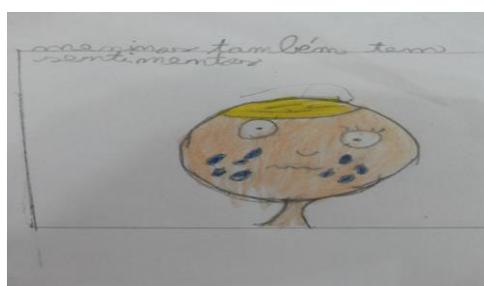


Figura 8 – (Menina 8 anos): Claro que eles (os meninos) também podem chorar quando estão tristes ou com saudade e até quando se machucam.
Fonte: Autorxs

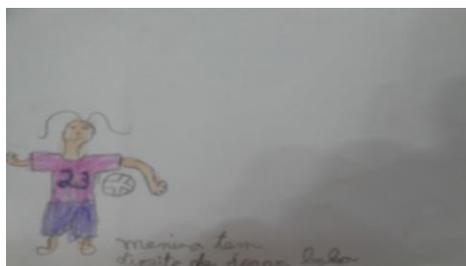


Figura 9 - (Menina – 8 anos): Eu gosto de futebol, mas não sou boa e os meninos não chamam a gente para brincar.
Fonte: Autorxs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada junto aos alunos na Hora do Conto por meio da História *Menino brinca de boneca?* possibilitou conhecer o modo como as crianças percebem as diferenças na educação, em comportamentos e brincadeiras de meninos e meninas, propondo discussões que valorizem a importância de uma educação mais igualitária.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Após as discussões, mediadas pelos questionamentos da professora, as opiniões das crianças se dividiram, tanto para as meninas como para os meninos. A impressão registrada a partir das falas das crianças foi a de que antes da história elas tinham uma ideia sobre as possibilidades de brincadeiras para meninos e meninas. Após a leitura e as discussões entre os pares os pensamentos foram se modificando e começaram a repensar suas atitudes. Essas interpretações demonstram a necessidade do trabalho contínuo com crianças, para que estas superem uma educação sexista e generificada, e possam viver com autonomia e liberdade.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, Mai./Ago. 2005.

ARGUELLO, Zandra E. Representações de gênero nos discursos de crianças pré-escolares: problematizando as questões de gênero com crianças através da literatura infantil. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v.8, p.68-83, jun. 2008.

BARBOSA, Carla A. V. B. **Dos corpos nascidos aos sexos construídos**: as representações de gênero das crianças em jardins-de-infância. 2007. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2007.

CHAVES, Otília O. **A arte de contar histórias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

CORSARO, W.A. **The sociology of childhood**. Califórnia: *Pine Forge*, 1997.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3, p.89-101, set./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





_____. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, p.541-553, 2001.

MULLER, Verônica Regina. **História de crianças e infâncias**: registros, narrativas e vida privada. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PEREIRA, Claudia Moraes e Silva. MÜLLER, Verônica Regina. As manifestações de gênero na história da infância. *In*: 1º Encontro de ALESDE - Esporte na América Latina: atualidades e perspectivas. Curitiba: UFPR, 2008. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** 2. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2003.

TOMÁS, Catarina. **“Há muitos Mundos no Mundo”**. Cosmopolitismo, Participação e Direitos da Criança. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.24, p.127-152, jan./jun. 2005.

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

_____. **Presentes na escola e ausentes na rua**: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade. 2012. 231 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2012.

Realização:



Apoio:

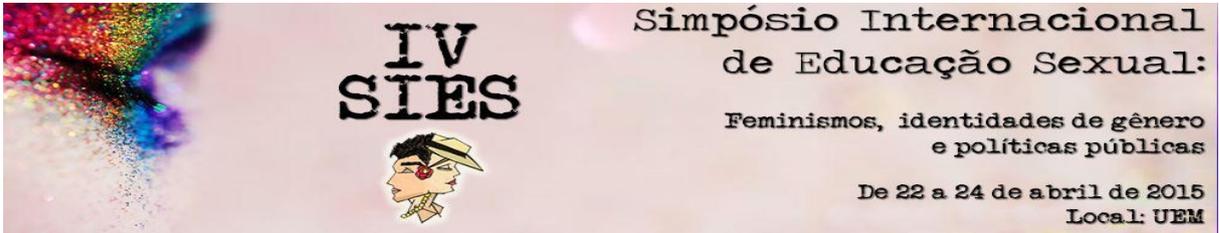


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





GENDER AND CHILDREN'S BOOKS: AN EXPERIENCE WITH HISTORY "BOY PLAYS WITH DOLL?".

ABSTRACT

The school is a place marked by gender relations. Queues, games and differential treatment for girls and boys demonstrate that the school is permeated by unequal relations. In this sense, it is essential to think pedagogical strategies which aim to discuss these issues in order to create an egalitarian space for the child to live their experiences without fear and / or embarrassment of any kind. Therefore, this research had the purpose to problematize, from the story "Boy plays with dolls?" – the experience of the Storytelling with children from third grade of an elementary school in the city of Londrina - how children realize the differences in education, behavior and boys and girls games, proposing discussions that enhance the value of egalitarian education. The registered impression from the children's speech was that previously the story they had an idea about the possibilities of games for boys and girls. After discussions among peers thoughts were changing and they began to rethink their attitudes. These interpretations infer the need for continuous work in the school context to ensure that children go beyond the sexist and gendered education and may live with autonomy and freedom.

Keywords: Gender; Education; Play

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook